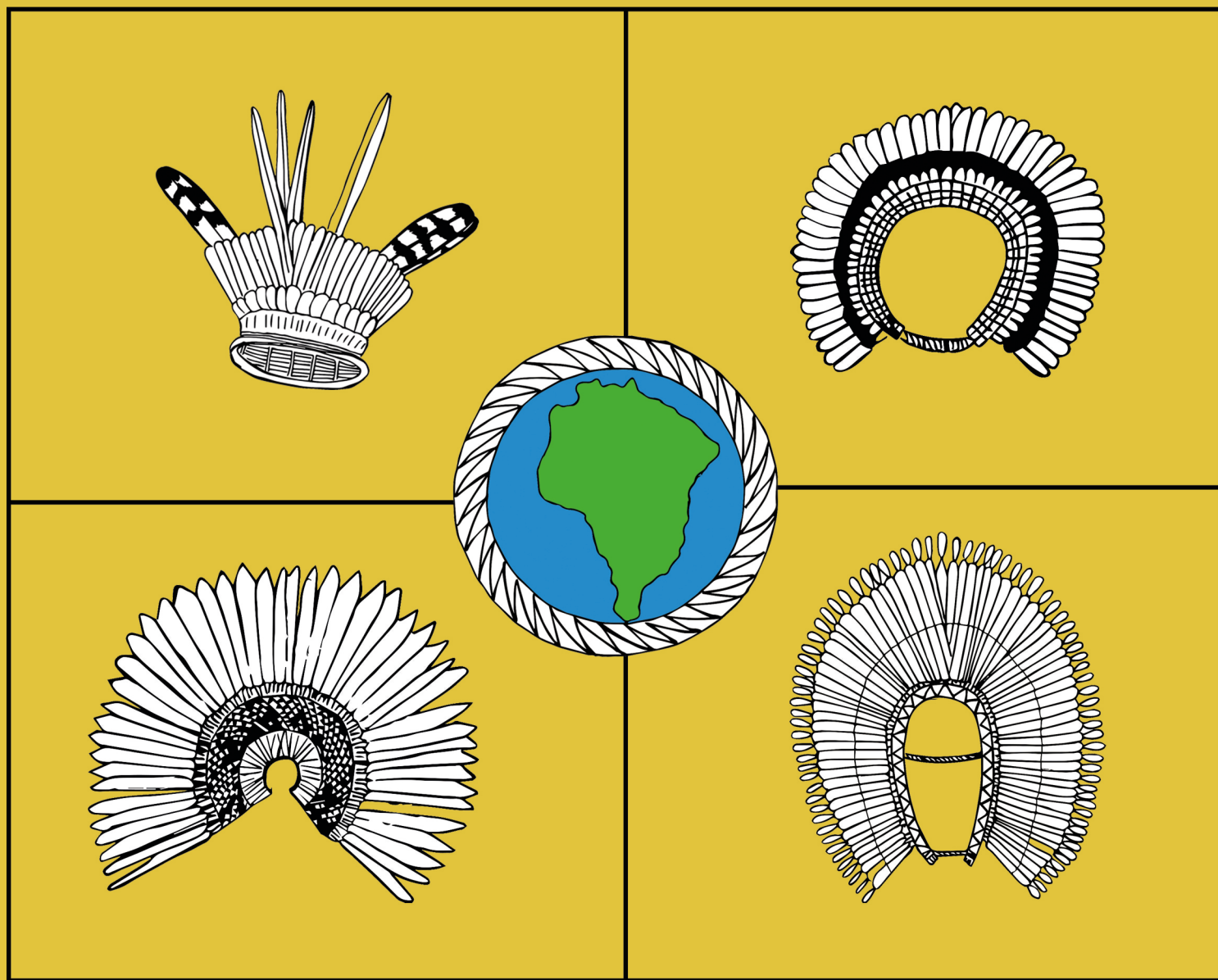


|LEETRA • Indígena|

Material de Apoio do Laboratório de Linguagens LEETRA
Universidade Federal de São Carlos



| LEETRA • Indígena |

Material de Apoio do Laboratório de Linguagens LEETRA
Universidade Federal de São Carlos



LEETRA Indígena

Material de Apoio do Laboratório de Linguagens LEETRA

Universidade Federal de São Carlos - SP - Brasil

Volume 14 - Edição Especial

Editora

Maria Sílvia Cintra Martins

Design e Diagramação

Eld Johnny

Revisão

Eld Johnny

Larissa de Paula Ferreira

Maria Sílvia Cintra Martins

Pedro Alberto Ribeiro Pinto

Capa

Eld Johnny

Desenho capa

Luciano Ariabo Kezo

Ilustração

Luciano Ariabo Kezo

Pedro Alberto Ribeiro Pinto

Endereço para correspondências

Universidade Federal de São Carlos | Laboratório de Linguagens LEETRA

Rod. Washington Luís, km. 235 - Departamento de Letras - Sala 07

CEP: 15.566-905 - São Carlos - SP | Telefone: (16) 3306-6510

Pedido de assinaturas em grupo.leetra@gmail.com

Material disponível em formato digital em: www.leetra.ufscar.br

LEETRA INDÍGENA. n.14, v. 1, 2015 - São Carlos: SP: Universidade

Federal de São Carlos, Laboratório de Linguagens LEETRA.

Periodicidade semestral - Edição Especial

ISSN: 2316-445X

1. Cultura indígena 2. Línguas indígenas brasileiras

3. Educação

Editorial

A revista LEETRA Indígena, publicação do Laboratório de Linguagens LEETRA sediado no Departamento de Letras da Universidade Federal de São Carlos/UFSCar, comporta resultados de pesquisa em andamento no Grupo de Pesquisa LEETRA (CNPq), que abriga as linhas de pesquisa “Estudos em Literatura Ameríndia”, “Tradução e Transcrição”, “Línguas Indígenas” e “Letramento e Comunicação Intercultural”. A revista busca preencher o espaço hoje necessário do reconhecimento progressivo da importância e da validade das línguas, das culturas e das literaturas indígenas presentes milenarmente em território nacional, sem que ainda lhes tenha sido conferido o valor correspondente. Todas as publicações vêm obtendo uma tiragem limitada em papel e encontram-se disponíveis online (www.leetra.ufscar.br). As Revistas LEETRA Indígena 1, 2 e 4 focalizaram a Literatura de diferentes povos indígenas brasileiros; a Revista LEETRA 3, em número especial, envolveu a publicação do caderno de estudos bilíngue YASÚ YAPURUGITÀ YEGATÚ, com 23 lições e um glossário para o estudo da língua nhengatu. Já as edições especiais dos números 5 a 12 envolvem material de apoio voltado aos professores, particularmente do Ensino Fundamental, e também do Ensino Médio, para seu trabalho voltado à implementação da lei 11.645/08, que regulamenta a obrigatoriedade do Ensino da História e Cultura Afro-brasileira e Indígena em todos os níveis de ensino em território nacional.

Agradecemos a todos que vêm contribuindo com estas edições, seja pela submissão de trabalhos, na participação na Comissão Editorial, no Projeto Gráfico e Diagramação, seja, ainda, na concessão de fotos e grafismos.



A metáfora das máscaras: o caráter educativo do movimento indígena

Pedro Alberto Ribeiro Pinto

Na introdução de seu livro “Discurso político”, Patrick Charaudeau (2008) discorre brevemente sobre as figuras das máscaras. Segundo o autor, as sociedades ocidentais contemporâneas tendem a relacionar essas figuras às noções de falsidade, fingimento e dissimulação, todas valoradas negativamente. Charaudeau propõe, entretanto, outra visão sobre a temática: a máscara não como forma de manifestação falaciosa, mas como uma forma de identidade. Se relacionarmos tal proposta também ao que temos aprendido ao longo dos anos com os movimentos indígenas transamericanos, poderemos inserir a máscara num lugar metafórico privilegiado em que atuam dialética, alteridade e empoderamento - a máscara como encontro de um outro eu.

Proponho o início da discussão nesse ponto específico por dois motivos principais: o primeiro diz respeito ao fato de me remeter à publicação independente canadense “Warriors”¹, com a qual tive contato recentemente. Nela, grupos indígenas propõem modos de se auto educar e educar a comunidade com base em princípios de guerra e insurgência, o que, em termos de vestimenta, pode incluir a posse e utilização de máscaras como modo de conexão a uma ancestralidade guerreira. O segundo motivo é porque vejo, como ponto central do caráter educativo do movimento indígena, a necessidade de colocar em funcionamento as relações que se estabelecem entre os diversos povos brasileiros, ponto já destacado por Daniel Munduruku (2009). Isso significa que devemos atentar para o caráter heterogêneo próprio da constituição do espaço nacional, em detrimento das ideias de homogeneidade e do apagamento de diferenças entre os sujeitos que integram o Estado.

Pensando, então, que o caráter educativo do movimento indígena provém, segundo minha leitura de Munduruku (2012), da própria resistência e da capacidade produtiva que esses movimentos possuem para propor pautas e exigências específicas a instituições e grupos de ordem governamental ou não, proponho relacioná-lo com a questão metafórica (e, no entanto, material) da máscara. Entendo, assim, que o caráter educativo do movimento indígena provém fortemente de sua capacidade de se colocar como uma identidade própria, seja diante de si, seja diante da sociedade externa a si.

Diante de si própria, a máscara indígena (que, na verdade, se manifesta de modo plural e diversificado) empodera e toma para si o papel de entidade fiadora, à qual é atribuída a credibilidade dos discursos: daí a importância de se discutir a cultura indígena entre os próprios indígenas, de modo que estes possam se reconhecer como tais e, a partir das necessidades expressadas pelo povo e da identificação com as causas mobilizadas pelas lideranças organizadas, possam voltar-se à construção de práticas, rotinas e materiais que se afirmem diante do que é diferente de si.

1 Essa publicação não consta nas referências bibliográficas por se tratar de um “zine”, publicação independente que não possui meio de identificação. No caso, a publicação foi adquirida através da distribuidora paulistana “No Gods no Masters”.

Reside também aí o caráter educativo referente à sociedade não indígena: diante daquilo que se reconhece como outro, somos obrigados a tomar posições, a reconhecermos nossa própria máscara, nossas práticas, nossas rotinas e nossos materiais. Somos colocados diante de nossa fragmentação e obrigados a lidar com o fato de que não somos os únicos a habitar os espaços que habitamos. Em alguns casos, esse processo pode trazer à tona a velha concepção do colonizador europeu que, ao descobrir a vida humana em outro continente, se negou a aceitá-la como tal - essa concepção se reflete, por exemplo, na dificuldade em que campos culturais como a Literatura têm em aceitar e/ou classificar a poesia indígena como poesia, ou em como insistimos nos estereótipos da pintura corporal e do cocar para representar os povos indígenas, sem considerar seus contextos específicos de uso.

O caráter educativo do movimento indígena poderia ser colocado, então, em algum ponto do jogo estabelecido entre o Reconhecimento e o Não-Reconhecimento da alteridade e entre a Identificação e a Não-Identificação com essa alteridade. Pode-se dizer que essas quatro categorias fundamentais caracterizam o processo de intersubjetivação de um indivíduo, uma vez que descrevem etapas básicas do contato humano, tais como reconhecer a existência de outro indivíduo e classificá-la como amigável ou não.

Certamente essas categorias podem ser desdobradas em modos mais complexos de relação se contemplarmos suas (inter)faces específicas, como esboçamos rapidamente nos parágrafos anteriores ao discorrermos sobre a metáfora da máscara, mas a própria proposta de classificação dessas categorias como centro da base educacional do movimento indígena já é, em si, digna de discussões e aprofundamentos, impondo a necessidade de se verificar as hipóteses levantadas neste ensaio junto às próprias comunidades e àqueles que atuam para a elaboração de teorias e métodos que atendam as demandas do movimento em que se inserem.

Ao convocar as máscaras de mim

Pedro Alberto

Das vozes aos movimentos de caça,
dos cantos dos esquecidos
ao plantio dos abençoados,
visto a máscara de meu povo.

Visto a máscara de meu povo
como a serpente que veste sua pele
com a certeza de que o tempo
e a sabedoria lhes transformarão,
ao mesmo tempo que seu rastejar
transforma o chão em que pisam
outros pés e cavoucam outras mãos.

Visto a máscara sem senti-la
grudada às maçãs da face,
mas como a própria face,
os ossos primeiros do corpo
que se dilui nas águas do rio
que se queima nas danças do fogo
que se é nas incertezas do ser.

Dos movimentos de caça às vozes,
do plantio dos abençoados
aos cantos dos esquecidos,
visto a máscara de meu povo
como quem veste a si mesmo

e a toda sua existência.



Referências bibliográficas

CHARAUDEAU, Patrick. Discurso político. São Paulo: Contexto, 2008.

MUNDURUKU, Daniel. 2009.

_____. O caráter educativo do movimento indígena. São Paulo: Paulinas. 2012.

